

ENERGIA: FERRAMENTA DE GOVERNANÇA GLOBAL

PARTE 1: FORNECIMENTO DE GÁS EUROPEU PELA RÚSSIA

Por Hamid Hajizadeh* e Elizabeth Hautz*



Maksim Shemetov/Reuters.

A recente crise na fronteira russo-ucraniana, além de militarmente significativa, também é importante em termos de seu impacto nos fluxos energéticos mundiais.

A questão da energia tem relação de mão dupla com a crise: de um lado, o preço do gás aumentará se a guerra eclodir e, de outro, a ameaça de sanções teriam efeito preventivo sobre a probabilidade de guerra, reduzindo a possibilidade de sua ocorrência. Neste artigo, analisamos essas relações.

COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS E SUA PARTICIPAÇÃO NA ENERGIA MUNDIAL

Oitenta e cinco por cento das fontes de energia primária do mundo ainda são combustíveis fósseis, que contêm petróleo (33%), carvão (26%) e gás natural (26%). Combustíveis não fósseis, como energia nuclear, hidrelétrica e de outras fontes de energia renovável, como geotérmica, solar, maremotriz¹, eólica, madeira e resíduos, representam, juntos, apenas cerca de 15%. Isso mostra que o mundo não pode ficar sem combustíveis fósseis ainda por muitos anos e a vida humana depende deles. O consumo de gás está crescendo devido à sua menor poluição entre os combustíveis fósseis².

¹ Maremotriz é a energia gerada pela transformação do movimento das marés.

² Dados estatísticos da Oilprice.com e da Wikipédia; alguns números podem ter mudado devido a atualizações de informações.

PAÍSES DETENTORES DE GÁS

Rússia, Irã e Catar são os três maiores detentores de gás do mundo, respondendo por quase 60% das reservas de gás mundial. A Rússia já esteve classificada em primeiro lugar, mas devido à recente descoberta de gás no sul do Mar Cáspio, o Irã parece tê-la substituído.

Os Estados Unidos, por outro lado, possuem apenas 6,7% das reservas. Irã e Rússia têm, respectivamente, 1,1 e 1,3 trilhões de pés cúbicos de gás, cerca de três vezes mais do que os EUA, e como os Estados Unidos agora produzem mais gás do que qualquer país do Oriente Médio, suas reservas em breve poderão ser significativamente reduzidas. A economia mundial de energia mostra que o consumo de gás está aumentando, e essa fonte de energia gradualmente se tornou um fator importante na diplomacia mundial.

LINHAS DE EXPORTAÇÃO DE GÁS RUSSO

A Rússia tem três gasodutos para exportação de gás para a Europa. A linha Yamal-Europa de 4.200 quilômetros, que tem dois ramais, o primeiro passando pela Bielorrússia e seguindo para a Polônia, e o segundo através da Ucrânia. As exportações de gás da Rússia a partir desta linha geraram bilhões de dólares anualmente para a Ucrânia.



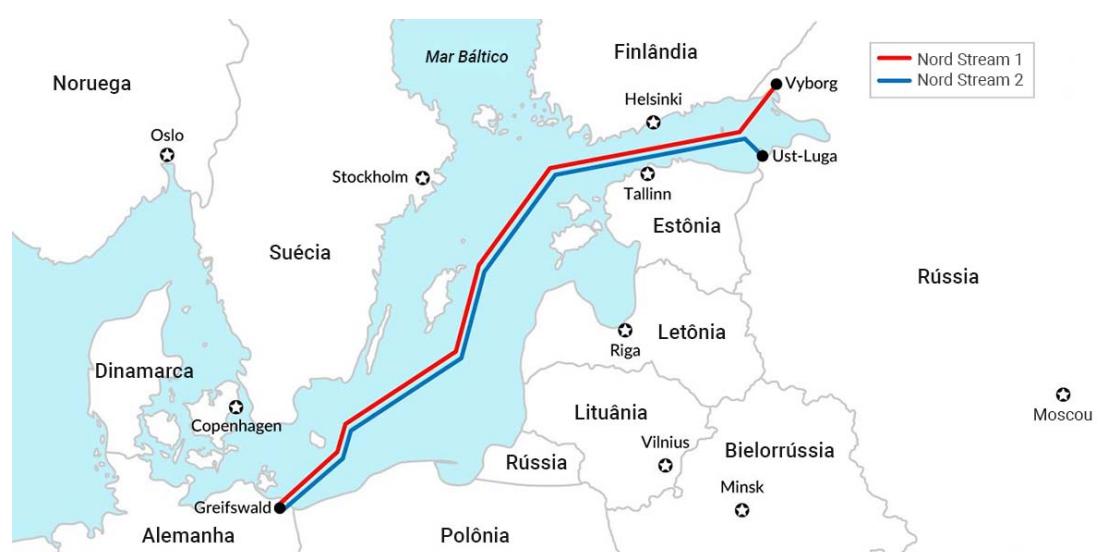
O gasoduto Yamal-Europa (Wikipédia).

O fluxo de gás nesse gasoduto parou recentemente, e o anúncio dessa parada frustrou os esforços da Europa para manter os preços estáveis. Uma questão que, segundo o Oil Price (<https://oilprice.com>), voltou a aumentar os preços do gás.

Cerca de um sexto do fornecimento de gás russo para a Europa e a Turquia são transmitidos através desta linha.

Dois outros gasodutos paralelos de 1.220 quilômetros foram construídos sob o Mar Báltico, chamados Nord Stream 1 e 2, sendo que o Nord Stream 2 foi concluído recentemente, potencialmente dobrando as exportações de gás russo para a Alemanha.

A Rússia fornece entre 40% e 50% do consumo de gás da Europa, ou seja, cerca de 200 bilhões de metros cúbicos por ano, dos quais cerca de 100 bilhões são através do Nord Stream 1 e da rede ucraniana. O Nord Stream 1 tem capacidade de 55 bilhões de metros cúbicos e, com a construção do Nord Stream 2, essa capacidade dobrou. O lançamento do Nord Stream 2 foi adiado em um ano e meio, principalmente devido à oposição dos Estados Unidos. Com Biden no governo, a política dos EUA quanto ao assunto mudou e a oposição a ele diminuiu.



Os gasodutos Nord Stream 1 e 2 (GIS, Geopolitical Intelligence Services).

ABASTECIMENTO DE GÁS DA EUROPA PELO NORD STREAM 2

Alguns especialistas acreditam que a operação do gasoduto Nord Stream 2 pode não facilitar a situação da Europa num futuro próximo, porque com a sua conclusão, apenas a infraestrutura melhorará, mas não a produção real. Esta é uma afirmação do Instituto Alemão para Assuntos Internacionais e de Segurança (*Stiftung Wissenschaft und Politik*, SWP). “Esse gasoduto não é necessariamente ‘necessário’ para fornecer gás à Alemanha e à Europa Ocidental”, disse a fundação em uma análise divulgada na primavera.

Alguns especialistas também endossam a opinião do SWP sobre o Nord Stream 2, argumentando que a Rússia está buscando mais do que objetivos econômicos ao construir tal linha no Mar Báltico. Um especialista em energia do Instituto Alemão de Pesquisa Econômica (*Deutsches Institut für Wirtschaftsforschung*, DIW), disse à Rádio Alemanha (*Deutschlandfunk*) que o gasoduto não era necessário para a política energética.

Assim, a União Europeia, a Turquia e outros países europeus não-membros da União Europeia podem facilmente satisfazer suas necessidades através da rede de gasodutos existente. O antigo gasoduto, que passa pela Ucrânia, tem capacidade nominal de 146 bilhões de metros cúbicos por ano. De acordo com as estimativas da DIW, apenas 81 a 88 bilhões de metros cúbicos de gás natural passaram pelo gasoduto a cada ano entre 2017 e 2019. Além disso, há o gasoduto Yamal-Europe através da Polônia e Bielorrússia com capacidade de 33 bilhões de metros cúbicos, e o Nord Stream 1, através do Mar Báltico, com 55 bilhões de metros cúbicos. Mesmo sem os 55 bilhões extras do Nord Stream 2, é improvável que haja um problema significativo no abastecimento de gás europeu.

Contrariamente a essa visão, alguns especialistas acreditam que a exportação de gás russo é vital para a Europa. Os resultados de um estudo recente do Instituto Bruegel, um *think tank* econômico com sede em Bruxelas, mostram que, no caso do pior cenário, de um desligamento completo do gás russo para a Europa, os recursos disponíveis não são suficientes para substitui-lo totalmente. Seria necessário implementar uma política de restrição da demanda interna em curto prazo até a identificação de novas fontes.

Portanto, é possível que o nível de produção de algumas indústrias tenha que diminuir por algum tempo, e até mesmo a fabricação de itens não essenciais seja interrompida para que o fornecimento de gás para produção da eletricidade necessária para unidades residenciais permaneça regular.

A MUDANÇA DE POSIÇÃO DOS EUA

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, alertou há alguns dias que o gasoduto Nord Stream 2 seria fechado se a Rússia invadisse a Ucrânia e, em seguida, enfatizou sua posição comum com o chanceler alemão Olaf Scholz, aliado dos EUA. Ele disse em entrevista coletiva com Scholz na Casa Branca que a travessia de tropas russas pela fronteira ucraniana marcaria o fim de tal projeto.

“Se a Rússia atacar, seus tanques e forças cruzarão a fronteira ucraniana novamente... não haverá mais Nord Stream 2”, disse ele. Enquanto isso, um repórter perguntou a Joe Biden como os Estados Unidos poderiam interromper o projeto Nord Stream 2 quando o outro lado do projeto era a Alemanha, ao que Biden respondeu: “Prometo que podemos fazer isso”. Os EUA e a Alemanha têm posições semelhantes sobre a Ucrânia, a Rússia e as sanções, disse Olaf Scholz. Ele não mencionou diretamente o projeto Nord Stream 2. Se a Alemanha e os Estados Unidos compartilham a mesma política no projeto Nord Stream 2, de US\$ 11 bilhões, pode depender de vários parâmetros.

Os EUA ameaçaram repetidamente impor sanções pesadas a todas as empresas envolvidas na construção do Nord Stream 2 no passado. A razão para esta oposição era clara. Os Estados Unidos exportam gás natural na forma de GNL para a Europa, mas o gás russo é mais barato. Washington teme que Moscou possa usar o Nord Stream 2 como alavanca para enfraquecer os países da UE, já que a Europa depende cada vez mais do gás russo.

Com a posse de Joe Biden, a posição americana foi ajustada e retirou as sanções contra o projeto para melhorar as relações com a Alemanha. No entanto, a abordagem de Biden foi fortemente contestada por membros do Congresso.

GASPOLÍTICA E RÚSSIA-AMÉRICA-IRÃ

(Estou usando o termo GASPOLITICS (“GÁSPOLÍTICA”) pela primeira vez no mundo, significando o impacto do gás na política internacional!)

A ameaça dos Estados Unidos de se opor à operação do Nord Stream 2 é mais uma ameaça à estabilidade energética na Europa do que à Rússia, porque mesmo que Moscou tenha que cortar as exportações de gás para a Europa, a Rússia pode encontrar uma alternativa. É a Europa que enfrentará escassez de energia a curto e mesmo a médio prazo. A recente visita de Vladimir Putin à Pequim e a assinatura de um acordo de exportação de gás de longo prazo com a China são vistos como uma medida de precaução para que a Rússia não sofra restrições na receita de exportação de gás em dias potencialmente difíceis.

A russa Gazprom e a China National Petroleum Corporation (CNPC) assinaram um segundo contrato de longo prazo na sexta-feira passada para fornecer 10 bilhões de metros cúbicos de gás natural a partir do extremo leste da Rússia. A Gazprom e a CNPC assinaram o primeiro contrato de 30 anos para fornecimento de gás através do gasoduto Power of Siberia em 2014. Esta linha de 3.000 km começou a operar há três anos, sendo o primeiro duto de gás natural entre a Rússia e China. O novo acordo veio quando o presidente russo estava em visita oficial à China.

O papel do Irã será decisivo no jogo da energia. A cooperação do Irã com a Rússia significa administrar 50% do gás mundial, e a distância entre o Irã e a Rússia significa tornar-se mais competitivo na política energética. O comportamento do Ocidente, e especialmente dos Estados Unidos, no Plano de Ação Abrangente Conjunto (JCPOA) pode persuadir o governo do Irã, que está em situação econômica ruim devido às sanções ocidentais, a mudar seu comportamento regional e internacional. É considerável também que a opinião pública iraniana considere a Rússia como um parceiro histórico não confiável. O Ocidente pode tender a influenciar o jogo energético do mundo mudando a posição contra o Irã.

Se você deseja entender o possível (e complicado) papel do Irã nesse jogo, o convido a ler a próxima parte deste artigo, que será publicada em breve.

***Hamid Hajizadeh** é jornalista iraniano, escritor e poeta persa residente nos Emirados Árabes Unidos. Hamid é analista político e especialista em Turquia, Afeganistão e nos países do Golfo Pérsico. É formado em engenharia econômica e apresentador-especialista em programas de rádio do Irã.

***Elizabeth Hautz** é graduada em Administração pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (USP) e Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Elizabeth é administradora na Eletrobrás Furnas S.A., e pesquisadora do núcleo de História Antiga e Medieval do CEHAM/UERJ.
